

**O
Sexo
segundo
Maia**

Maia Mazaurette

**O
Sexo
segundo
Maia**

**As melhores crônicas
da sexpert francesa**



oficina
raquel

© 2019, Éditions de La Martinière, 57 rue Gaston Tessier 75019 Paris.

© Oficina Raquel, 2021

EDITORA

Raquel Menezes

Jorge Marques

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Julio Baptista

jcbaptista@gmail.com

REVISÃO

Oficina Raquel

ASSISTENTE EDITORIAL

Mario Felix

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Mazurette, Maïa.

M475s O Sexo segundo Maïa: As melhores crônicas da sexpert francesa / Maïa Mazurette ; tradução de Thereza Christina Rocque da Motta. – Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.
210 p. ; 23 cm.

Tradução de: Le sexe selon Maïa.

ISBN 978-65-86280-44-9

1. Crônicas francesas I. Motta, Thereza Christina –
Rocque da II. Título.

CDD 843

CDU 821.133.1-32

Bibliotecária: Ana Paula Oliveira Jacques / CRB-7 6963

Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação ano 2020 Carlos Drummond de Andrade da Embaixada da França no Brasil, contou com o apoio do Ministério francês da Europa e das Relações Exteriores.

Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à La Publication année 2020 Carlos Drummond de Andrade de l'Ambassade de France au Brésil, bénéficie du soutien du Ministère de l'Europe et des Affaires étrangères.



**AMBASSADE
DE FRANCE
AU BRÉSIL**

*Liberté
Egalité
Fraternité*



www.oficinaraquel.com

oficina@oficinaraquel.com

facebook.com/Editora-Oficina-Raquel

Sumário

Prólogo.....	9
--------------	---

I – Nossos corpos

Belo ou feio, amar nosso sexo é uma questão de ética	13
A vagina perfeita é desejável, e para quem ?	18
O pênis, objeto de clichês numerosos demais	22
Bolas são vida.....	26
O pênis é um orifício assim como os outros.....	30
<i>Testículos</i>	34
Pênis pequeno, grande potencial.....	35
O mamilo masculino como novo horizonte erótico.....	39
A castração, temida por alguns, buscada por outros	44
<i>Clítoris</i>	48
“Clitorianas de todos os países, uni-vos!”	49
É preciso ser magro para dormir com outra pessoa?	54

II – Nossas práticas

É preciso experimentar tudo sexualmente?	61
O grande circo do primeiro encontro.....	65
<i>Strap-on</i>	70

As mil virtudes da penetração anal.....	71
Da normalidade sexual em geral, e do papai-mamãe, em particular	76
Os homens também fingem... Talvez até mais que as mulheres	80
Partilhada, guiada, transcendida: a masturbação é mais que um simples prazer solitário	84
<i>Masturbação</i>	88
“Sou sempre eu que tomo a iniciativa da relação sexual”	89
Matar cachorro a grito: nossos gemidos sexuais são um fato cultural	93
Fazer gozar uma mulher: uma ciência quase exata.....	97
A cunilíngua condenada por causa da complexidade?	101
Sexo e performance: menos é mais	105
<i>Estrela do mar</i>	109

III – Nossos hábitos culturais

Depois do galo francês, o cuco francês.....	113
<i>Candaulismo</i>	118
Precisamos manter a libido como se corrêsemos uma maratona?.....	119
Reestabelecer-se após um fiasco sexual.....	123
Não, a monogamia não é “um legado puritano tedioso”	127
<i>Baunilha</i>	131
“A privação sexual é uma construção social, e ela faz estragos”	132
Nada de sexo, obrigado: as novas relações platônicas	136
Orgias mortíferas, prazeres freudianos: pequeno guia do esnobismo sexual.....	140
Sexualidade: problemas de homens, problemas de mulheres	144
Além do sexo “cerebral”	148
<i>Galipette</i>	152
Você é uma pornstar e não sabe?	153

IV – Nossos ideais

O desejo sexual pode prescindir da transgressão?.....	159
---	-----

O homem é um objeto erótico como os outros.....	163
<i>Eros</i>	167
Desconstruir o masoquismo feminino.....	168
Sexualidade: para acabar com a norma ativo/passivo	173
Pulsões, vontades, desejos: nós temos mesmo necessidade de sexo?	177
Por um direito mínimo a gozar?.....	181
Hétero, cisgênero e monógamo: quem sonha ainda em ser “normal”?	185
Em defesa do “bom sexo”, aquele que nos faz realmente bem.....	189
<i>Apimentar</i>	193
O cibersexo não terá lugar.....	194
Elogio à sexualidade tediosa	198

Epílogo

Carta a um jovem que começa a sua vida sexual	205
---	-----

Prólogo

Como se pode ser um *sexpert*?¹ Exerço essa profissão desde meus quinze anos, mas as trezentas vezes que ouvi essa palavra, tive um sobressalto. *Expert*, isso me assustava um pouco. E, além disso, parecia ser algo incrivelmente sério. Entretanto, em dado momento, após milhares de artigos (e isto não é nenhum exagero), eu parei de corrigir meus interlocutores. Da mesma forma que parei de explicar de que modo escrever sobre a sexualidade constitui um trabalho tão legítimo quanto escrever sobre esporte ou política (além do mais, nossa sexualidade não carece nem de esporte, nem de política).

Agora, como se pode ser um *sexpert*? Não somos todas e todos *experts* em sexualidade — ao menos na nossa? É precisamente aí que está o X da questão: ainda que o trabalho de cronista seja falar a partir de um ponto de vista específico, esse ponto de vista não pode de forma alguma envolver sua vida pessoal. Muito pelo contrário. De onde vem um paradoxo interessante: uma *sexpert* será constantemente remetida à sua experiência, ou à sua aparência (de acordo com o dia, ela será percebida como hétero, lésbica, jovem, velha, francesa, americana, frustrada, preenchida) — e, no entanto, uma *sexpert* nunca fala de si mesma (até onde se sabe, eu poderia ser uma Uzbek pansexual aromântica de 94 anos).

Tornamo-nos *sexperts* com nossa subjetividade, com a condição de aplicá-la a dados tão objetivos quanto possível. Exatamente da mesma forma que um crítico gastronômico tem seu gosto, desgostos e visão, mas deve saber

¹ N.T. Um especialista (*expert*) em sexo.

O Sexo segundo Maïa

deixar de lado as preferências para que as pessoas saibam, se, por este menu de degustação a 89 euros, fora os impostos, vale a pena esperar quatro horas debaixo de chuva.

Certas tendências poderão nos surpreender, nos entreter, nos irritar. Às vezes, não cremos em nossos próprios olhos. Outras, ficamos entediados. Mas é por isso que precisamos observar e dissecar os outros: se todo mundo tivesse uma vida sexual parecida com a minha, eu nada mais teria a escrever. Não sei se gostaria de viver em um universo moldado pelas minhas próprias regras. O que nos leva a um consequência inexorável: ao escrever minhas crônicas, não tenho nenhuma necessidade particular de ter razão. Não preciso que concorde comigo.

Sendo assim, você é colaboradora, colaborador desta compilação. Eu ofereço minha visão. Você completa com a sua, que pode ser diametralmente oposta. Sou uma *sexpert* e não uma guru. Não possuo nenhuma verdade transcendental sobre o “bom sexo” — mas tenho uma ideia precisa do que vem a ser meu ideal. Não sei como salvar o mundo — mas, mesmo assim, lhe explicarei como fazê-lo. Eu não sou uma sexóloga — mas posso ser extremamente técnica.

Posto que sou uma *sexpert*, e não uma guru, isto aqui é apenas uma conversa. Prossigamos com ela, então?

I

**Nossos
corpos**

Belo ou feio, amar nosso sexo é uma questão de ética

Certamente, já ouviu mil vezes que “os pênis são objetivamente feios”. Os defensores desse veredicto estético não enfrentam contestação alguma. Mas, se falamos de uma excrescência encimando duas formas vagamente esféricas, em que o pênis difere de um nariz? As pregas de uma vulva não lembram uma orelha? O movimento *body positive* dará panos para manga quando se debruçar sobre nossas partes íntimas, constantemente levadas para o lado cômico ou o patético. Quando veremos as hashtags *#balancetavulve*¹ ou *#paudossonhos*?

Na realidade, existem, sim, belos sexos. E, até mesmo, concursos de belos sexos. Em 2015, internautas elegeram a mais bela vulva e o mais belo escroto, antes de se voltarem, em 2017, ao mais belo ânus (rápido lembrete aos leigos em anatomia: a vagina se situa no interior do corpo; na ausência de um espéculo e de quatorze lâmpadas 400 watts, ela é invisível). Quanto aos resultados, a análise dos votos mostrou uma preferência pelas vulvas suaves com pequenos lábios não sobressalentes e bolas bem arredondadas, pouco estriadas, situadas logo abaixo do pênis.

¹ N.T. “Denuncie a sua vulva”, referência à hashtag *#balancetonporc*, “denuncie o seu porco”, equivalente ao inglês *#metoo*, que busca o engajamento pela denúncia de atos de agressão sexistas.

O Sexo segundo Maïa

Se não há nenhum campeão mundial oficial do mais belo pênis é porque o promotor das outras competições pensou que todo mundo tivesse as mesmas preferências. O que é discutível. Um estudo suíço publicado em 2015 no *Journal of Sexual Medicine* mostrou que as mulheres apreciam, nessa ordem, a aparência cosmética geral do membro, depois a pilosidade, a pele, a circunferência, a forma de sua glândula, o comprimento da haste, a aparência dos testículos e, finalmente, a posição da uretra (veja a atenção aos detalhes).²

Paradoxo

De resto, se todos os sexos fossem feios, seria de se perguntar por que milagre teríamos complexos nessa área: a feiura teria uma função equalizadora. Sem esperança de atingir qualquer nível de desejabilidade, ninguém se submeteria a um alongamento de pênis, ou a uma redefinição de vulva. Ninguém gastaria fortunas com cremes e outros colorantes íntimos. E, no entanto, fazem isso!

A cirurgia estética e o consumismo revelam inseguranças semelhantes às que tiranizam o restante do nosso corpo: um implicância com a gordura, pelos e rugas — correspondendo à nossa gordofobia, ao nosso desprezo à animalidade, ao nosso terror de envelhecer. Mas, também, de modo mais surpreendente, ao nosso desprezo pelo carnal.

**Mas, se falamos de uma
excrescência encimando
duas formas vagamente
esféricas, em que o pênis
difere de um nariz?**

Porque, se realmente fosse necessário entrar no molde do sexo comercialmente aceito, alô, tristeza, e cubramos *L'Origine du monde*!³ Não sobraria no menu nada além de um sexo tamanho único, refinado, com ares de desenho infantil: uma vulva plana estilo boneca, um pênis mais plástico do que um *joystick*. Sexos sem amplitude, nem diversidade, suaves, porém secos, coloridos, porém gelados, tão distantes quanto possível não somente do que é um sexo, mas, sobretudo, de para que um sexo serve. O sentir (nervoso) e o parecer (epidérmico) atingem o derradeiro cisma: quanto mais o sexo é (percebido

² Norma Katharina RuppenGreeff, Daniel M. Weber, Rita Gobet et Markus A. Landolt, “What is a Good Looking Penis? How Women Rate the Penile Appearance of Men with Surgically Corrected Hypospadias” (“O que é um Pênis Bonito? Como as Mulheres Avaliam a Aparência Peniana de Homens com Hipospádias Cirurgicamente Corrigidas”), *Journal of Sexual Medicine*, vol. 12, nº 8, agosto 2015, p. 1737-1745.

³ N.T. Quadro de Gustave Courbet, em exposição permanente no Musée d'Orsay, que representa uma mulher nua, de pernas abertas, com o sexo à mostra.

como) belo, menos ele é funcional. Quanto mais inspiramos o desejo sexual, menos podemos nos entregar a ele. Admita que é irritante.

Esse paradoxo tem ainda uma nuance: a diferença fundamental entre os cânones estéticos aplicados (ou negados) a cada um dos sexos. O belo pênis, com efeito, traz à tona o imaginário da potência em ação: largura, comprimento, solidez (os pênis no seu estado mais comum, isto é, flácidos, são literalmente desqualificados). O belo pau é invejável, porque oferece muito: incarna, a um só tempo, um argumento de sedução, de performance e de reprodução... ao contrário de uma vulva ideal estreita, tanto mais desejável quanto menos ela oferece. O pênis ultrafuncional é belo. A vulva ultrafuncional é constantemente acusada de se esticar a ponto de ser comparada a um sanduíche de presunto. Veja o nível.

A vulva ultrafuncional é constantemente acusada de se esticar a ponto de se comparar a um sanduíche de presunto.

Ciclo da vergonha interiorizada

Enquanto aguardamos o grande dia⁴ (e a erradicação dos nossos “dois pesos, duas medidas” sexistas), os belos sexos continuam a ser percebidos como excepcionais, e são prontamente tidos como irreais (“fomos enganados”). O corpo real, este, sim, é feio. Sempre feio. O aspecto categórico desse julgamento nos leva a questionar: e se nosso desgosto não for somente cultural? E se estiver em nossas vísceras?

De acordo com as pesquisas, nossa aversão teria, de fato, origens evolutivas: ela nos permitiria escapar das infecções. Daí vem a desconfiança associada a um baixo-ventre ‘cheiroso’ demais, incontável demais, próximo demais das zonas de micção e excreção, vítima e culpado de tantos corrimentos. Dentro desse paradigma, nosso higienismo contemporâneo nada mais é do que um retorno às fontes — uma maneira nada absurda de selecionar nossos parceiros sexuais.

E outra, por que seria necessário achar tudo belo, o tempo todo? Se nossa libido funciona a despeito dessa feiura genital, por que contrariá-la? Bem, o problema é que não para por aí. Sabemos, graças aos trabalhos do sociólogo

⁴ N. T. Em francês, *grand soir* (grande noite), expressão que designa o dia da revolução social, conceito que remonta ao final do séc. XIX e expressa a esperança de uma transformação súbita e radical da ordem social existente.

Jean-François Amadieu,⁵ que maltratamos as pessoas que consideramos feias: pagamos menos pelo mesmo trabalho, são presas com mais frequência, não sentimos empatia por elas. Nós as associamos ao Mal, como o demonstrou Umberto Eco em sua *História da feiura*.⁶

O ciclo da vergonha interiorizada e dos tabus religiosos se fecha: se o sexo constitui uma atividade fundamentalmente má, a feiura dos órgãos genitais é uma confirmação física deste fato. O amor (que sublima) é, pois, irreconciliável com sua expressão carnal (que degrada). O amor casto se torna o único legítimo: o amante (e o corpo social) prefere desviar os olhos a deter o olhar. Amém ao conceito do obsceno! O desprezo às partes “baixas” pode se difundir.

De acordo com as pesquisas, nossa aversão teria, de fato, origens evolutivas: ela nos permitiria escapar das infecções.

Aceitação de si mesmo

Infelizmente, esse desprezo tem consequências concretas. Segundo um estudo de 2010, mulheres que detestam sua vulva são também mais apreensivas quanto às relações sexuais, gozam de uma autoestima sexual menor, e relatam menos satisfação na cama.⁷ Como respeitar a própria integridade quando nos consideramos repugnantes? E quando essa repulsa é apresentada como uma evidência inflexível? Em seu romance *Baise-moi*,⁸ uma das heroínas de Virginie Despentes declara: “Não posso impedir os canalhas de entrarem na minha xota, e não deixei para ela nada de valor”. Poderíamos inverter a frase: “Como meu sexo não tem valor, qualquer um pode entrar nele”.

Quanto a isso, as mulheres têm expressado amplamente que está mais do que na hora de seu sexo ser (re)valorizado. Isso não necessariamente se dá por meio da beleza, mas a aceitação de si mesmo faz parte da caixa de ferramen-

⁵ Ver, em particular, Jean-François Amadieu, *Le Poids des apparences, Beauté, amour et gloire* (O peso das aparências, Beleza, amor e glória), Odile Jacob, 2002.

⁶ Umberto Eco, *Histoire de la laideur* (História da feiura), Flammarion, 2007.

⁷ Vanessa R. Schick, Sarah K. Calabrese, Brandi N. Rima e Alyssa N. Zucker, “Genital Appearance Dissatisfaction: Implications for Women’s Genital Image Self-Consciousness, Sexual Esteem, Sexual Satisfaction, and Sexual Risk” (“Insatisfação quanto à Aparência Genital: Implicações para a Autoconsciência da Imagem Genital da Mulher, Estima Sexual, Satisfação e Risco Sexual”), *Psychology of Women Quarterly*, vol. 34, nº 3, setembro 2010, p. 394-404.

⁸ N.T. “Fode-me”, ou “Viola-me”.

Nossos corpos

tas. O assunto não é menos pertinente para os homens: entre duas metáfora suínas,⁹ um pouco de autoindulgência não lhes faria mal. A questão da beleza dos sexos cessa, então, de ser uma questão trivial de narcisismo ou de voyeurismo: é impossível respeitar os corpos e as sexualidades sem respeitar nossos próprios sexos, sem reaprender a olhar para eles. Mais estética é mais ética, é mais prazer e é mais bom humor. Pessoalmente, acho você muito bonito.

⁹ N.T. Outra referência ao movimento *#balancetonporc*, mencionado em nota anterior.

A vagina perfeita é desejável, e para quem ?

Os dias ensolarados retornam e, com eles, nossos sonhos menores: leitoras, vocês perderão três quilos antes do verão... ou três centímetros lá embaixo? Há anos a tendência se confirma e a cirurgia estética estende ao íntimo seu bisturi.

Nos Estados Unidos, mais de doze mil mulheres cortaram a gordura em 2016, contra cinco mil, três anos antes — um aumento constante, de dois algarismos, por ano. Evidente que não devemos colocar todas as clientes no mesmo cesto condescendente — o de vítimas estúpidas das tendências. Algumas podem realmente estar com seus movimentos restringidos. Mas, mesmo assim, há algo aí de perturbador. Os cirurgiões propõem escolhas tão diversas quanto folclóricas: a redução dos lábios, é claro, mas também branqueamento (pois a vulva ideal é — pasme! — pálida) ou a ampliação do Ponto G.

À indústria cosmética não falta imaginação: há dois anos, a atriz Gwyneth Paltrow sugeriu tratar nossas vaginas por meio de banhos a vapor. Em Manchester, um spa oferece tratamentos com nitrogênio líquido para fortalecer e rejuvenescer as ‘carnes’. Em Toronto, enfim, um instituto de beleza propõe um “vajacial”¹ para dar brilho à pele após uma depilação total.

¹ N.T. Técnica, sem confirmação médica de resultados, que consiste em aplicar um esfoliante de pêssego com um tipo de hidroxíácido na vulva, a fim de se livrar dos pelos encravados e evitar a irritação da pele (‘peeling ácido’).

Manipulação midiática

O que buscam os clientes, ao menos aqueles para quem o procedimento seja puramente estético? Uma forma de normalidade, mas sem qualquer comparação razoável. Habitualmente, nossos pares fixam a norma: nosso grupo de amigos ou conhecidos. Tendo como contraindicação o que nos está à frente dos nossos olhos: infelizmente, foi provado, e diversas vezes, que as mulheres expostas a silhuetas irrealistas (tipicamente aquelas das revistas) sofrem de baixa autoestima e de um sentimento de mal-estar que pode chegar à depressão. Esses efeitos começam a se fazer sentir a partir do momento em que as meninas atingem os sete anos.

As zonas genitais não são poupadas pela manipulação midiática, da pornografia às fotos de moda, onde o maiô não deixa aparecer nem pilosidade, nem volume — o sexo feminino aparece liso e achatado (quando não é, o relevo da fenda é chamado de “pata de camelo”).

Mas, no caso das partes íntimas, as mulheres não podem compensar o bombardeio pela comparação com suas semelhantes. Não estamos na Escandinávia para dividir saunas com nossas amigas nuas. Não urinamos publicamente em mictórios como os homens. Os vestiários e duchas esportivas nem sempre são coletivos, e a norma social requer que não olhemos para os outros — mesmo que olhemos de relance, seria ainda necessário que nossa colega de musculação fizesse a gentileza de afastar as coxas naquele exato momento.

Vulvas minúsculas

Ninguém denuncia o olhar da mídia, e quando perguntamos, na internet, qual é a vulva perfeita, encontramos versões tão pouco carnudas que parecem veganas. É assim que vimos surgir on-line um campeonato mundial do sexo feminino ideal (aviso aos candidatos: o prêmio é de apenas US\$ 500 — não dá para cobrir os custos de uma cirurgia plástica, que varia entre US\$ 2.500 e US\$ 6.000).

Os cinquenta primeiros resultados apresentam vulvas minúsculas, que poderiam todas pertencer a uma mesma pessoa. Seria preciso chamá-las antes de fendas do que de vulvas: não há grande coisa ali para se colocar entre os dentes! Poderíamos nos perguntar por que os internautas votam nesses per-

**Em Toronto, enfim,
um instituto de
beleza propõe um
“vajacial” para dar
brilho à pele após
uma depilação total.**

A vulva pequena é reconfortante. Não fará mal a ninguém e, com alguma sorte, não terá dentes.

fis estreitos — afinal de contas, na pornografia não faltam nichos ou palavras-chave destinadas aos adeptos de sexos peludos, inchados, abarrotados de carne. Na minha opinião, duas explicações se unem. Primeiro a profecia autorrealizadora: como os internautas, tendo crescido sob a égide das vulvas-miniatura, poderão desenvolver o gosto pelos formatos mais volumosos? Segundo, o milagre do contraste: em comparação a essas pequenas coisas frágeis, mesmo o homem menos dotado pela natureza parecerá um exuberante rinoceronte. A vulva pequena é reconfortante. Não fará mal a ninguém e, com alguma sorte, não terá dentes.

A normalidade nunca é representada

Existe, portanto, no espaço midiático, um modelo de sexo feminino que ocupa 99% do espaço — e tudo em torno desse espaço midiático é um silêncio ensurdecido, uma cegueira surpreendente em uma sociedade ávida por imagens. A

“Desenhar um pipi sobre um muro, ou um pedaço de papel é um gesto quase inofensivo para qualquer pessoa. Por que, então, a representação da vulva não tem direito à cidadania em nossos muros?”

tal ponto que, na França, o site *Vagina Guerilla* se ocupou do problema.² Seu manifesto: “Desenhar um pipi sobre um muro, ou um pedaço de papel é um gesto quase inofensivo para toda e qualquer pessoa. Por que, então, a representação da vulva não tem direito à cidadania em nossos muros?” De fato, existem sites dedicados às diferentes morfologias,³ porém são, por fim, pouco conhecidos e é ainda preciso procurá-los — enquanto a pornografia e a publicidade nos são servidos numa bandeja de prata, mesmo quando não queremos vê-las.

Como resultado, temos a situação atual: uma mulher que sofre de ansiedade e não tem necessariamente os meios ou a vontade de se instruir verá sempre seu sexo como algo estranho, tão simplesmente porque a normalidade nunca é representada (e seria impossível, tão numerosas as assimetrias e variantes).

² vaginaguerilla.tictail.com

³ labialibrary.org.au para observar fotos, ou thevulgargallery.com para aqueles que preferem desenhos.

Nossos corpos

Ora, se esperamos que os homens desejem, é evidente, sua companheira em sua integridade, mas também que desejem especificamente aquela região, então tornar o seu sexo de acordo com os padrões se torna uma prioridade — e, até mesmo, forcemos a barra, uma estratégia de sobrevivência (pois quem dará filhos a alguém com o sexo “demasiadamente” carnudo?... Lamentável).

Dissociação

Assim, a cliente em potencial antecipa as expectativas de seus futuros amantes, a menos que busque recuperar a atenção de um marido com a libido em baixa. A lógica se resume, de resto, à mesma coisa: o sexo passa de uma zona destinada aos sentidos e ao prazer, a um objeto estético, cujo objetivo primário é ser observado para ser desejado (ao contrário do homem, que pode aumentar o pênis, não para torná-lo desejável, mas para melhorar sua performance, isto é, em uma ótica de reapropriação).

Em vez de encarnar seu corpo, a candidata ao encolhimento se projeta na visão e apreciação de um terceiro. Ela se dissocia. Uma vez mais, não basta “chutar o balde” do julgamento sobre mulheres, que já são especialistas em autojulgamento.

Mas é importante se perguntar por que este é o corpo desejável, por que a (suposta) opinião de um homem (por vezes, imaginário) prevalece sobre a realidade orgânica, por que o parecer prevalece sobre o ser — perguntar-se por que, no domínio do prazer, a aparência se mostra mais importante do que a sensação, ou mesmo condiciona a sensação. Essa situação não é realmente desejável para nenhuma das partes envolvidas.

O pênis, objeto de clichês numerosos demais

O que se passa pela cabeça de um homem que envia a foto de seu pênis para uma desconhecida, assim, sem nem mesmo se apresentar? Será uma maneira contemporânea de conhecer pessoas, em que se sabe exatamente o que esperar? O *dick pic* (“foto do pênis”, em inglês) é tão frequente, que se tornou, literalmente, a norma. De acordo com uma pesquisa YouGov, publicada em 2017, 53% das jovens americanas já receberam esse tipo de foto anatômica. As mais jovens são as mais afetadas, mas um terço das mulheres, entre 35 e 54 anos, já enfrentaram o problema... assim como 8% de mulheres com mais de 55 anos. São os Estados Unidos, você dirá; a grande separação entre puritanismo e pornografia torna a tensão insustentável, essas pessoas vendem fuzis a crianças e comem muitas torradas com abacate. Fato. Mas, na França, a cantada: “Chuchu, você quer ver minha rola?” encontra também algum sucesso (perdão pelo uso do jargão ornitológico). Segundo o Ifop,¹ um quarto dos franceses e um décimo das francesas havia recebido fotos do mais simples aparelho de outra pessoa... há quatro anos. Aposto meu croissant como esse número aumentou consideravelmente. Além disso, entre os abaixo de 35 anos, o *dick pick* havia atingido quatro entre dez homens e uma entre cinco mulheres.

¹ N.T. Instituto francês de opinião pública.

Quem envia essas fotos? Na França, 12% dos homens e 8% das mulheres se confessaram culpados, porém, de acordo com os números mais recentes, nos Estados Unidos e Reino Unido, é de um jovem a cada quatro. Entre esses últimos, 5% admitem que ninguém lhes solicitou nada (ou só lhes perguntaram coisas sem qualquer relação com isso, como a cotação do dracma).² Cinco por cento é pouco diante da enorme quantidade de fotos enviadas. De todo modo, se metade das jovens já receberam fotos de pênis, mas só 22% dos homens admitem ter enviado, há aqueles que o fazem de forma frenética.

Erotização da surpresa

O que têm na cabeça os adeptos do pênis-surpresa? Alguns pesquisadores lhes fizeram essa pergunta. Será um simples mal-entendido? (“Chuchu, você quer ver minha pizza? Minha pista? Minha pinga?”, admita que isso leva a certa confusão...). Será uma forma de jogar seu vale-tudo — de saber se, sim ou não, o/a destinatário/a teria vontade de passar ao ato sexual? Um pouco, mas, não apenas. Na verdade, mais da metade dos homens entrevistados por YouGov qualificaram suas fotos como grosseiras, esquisitas ou incômodas.

Esse lado bonachão provém do clichê cultural: enquanto as crianças desenham pênis nos muros, os adultos fazem de seu membro viril uma natureza morta, “não é nada demais”. Os mais tímidos se voltam ao *Dick Code*, um site que permite selecionar, com grande precisão, as especificidades de seu membro para dar a ele suas características, sem passar pela câmera fotográfica. Livrarias e galerias de arte abundam em compilações de desenhos, ilustrações e fotos.

Voltando aos fatos, a “inocência” tem seus limites: o envio de *dick pic* não é diferente do exibicionismo — artigo 232, inciso 22 do seu código penal favorito,³ um ano de prisão, 15.000 euros de indenização (a qualificar conforme se enquadre no assédio, ou a pessoa que recebeu seja menor). A lei não faz

**Esse lado bonachão
provém do clichê
cultural: enquanto as
crianças desenham pênis
nos muros, os adultos
fazem de seu membro
viril uma natureza morta,
“não é nada demais”.**

² N.T. Dracma é uma antiga moeda grega, que entrou em desuso quando da introdução do euro. Portanto, não faz sentido perguntar qual a cotação do dracma, quando essa moeda não existe mais.

³ N.T. A autora se refere aqui, evidentemente, ao Código Penal francês.

distinção entre exibicionismo público e privado, desde que seja visível a outra pessoa. Ora, no caso de uma foto enviada diretamente, quem a recebe dificilmente deixará de vê-la.

O compartilhador de pênis e o pervertido do metrô devem ser tratados da mesma forma? Não em nosso imaginário coletivo, que tanto perdoa o primeiro quanto abomina o segundo. Indulgência que se explica, talvez, tanto pela frequência de pênis recebidos (habitua-se) quanto pela frequência da fantasia: 16% das mulheres e 23% dos homens já sonharam em mostrar toda ou parte de sua nudez em local público.⁴

Voltemos, então, às nossas explicações. Dentre as mulheres que receberam fotos de pênis, 78% não haviam se queixado — e 69% se queixaram (dado à quantidade pênis enviados e recebidos, os dois casos não se excluem). Isso quer dizer que os homens que enviam fotos têm uma tendência maior a se exhibir diante de mulheres que não lhes solicitaram. Essa erotização da surpresa se situa, ao menos para alguns, no contínuo da erotização do não consentimento: o estupro dos olhos, por falta de outro “melhor”.

É, com efeito, inegável, percorrendo as notícias mais recentes, que uma parcela da população masculina tem a impressão de que as mulheres controlam o acesso à sexualidade, isto é, se servem dela como moeda de troca, segundo o papel que lhes é tradicionalmente atribuído de “guardiãs do templo” (“Chuchu, você quer ver meu templo?”). Ao enviar uma foto do pênis, o homem frustrado pode recuperar o poder: “Você pode até não ir para cama comigo, mas verá meu pênis de qualquer jeito — não estou, portanto, completamente à mercê da sua boa vontade”. Lembremo-nos, parafraseando Pascal Quignard, de que, em suas origens romanas, a encarnação do falo passa pelo *fascinus*, que nos deu a palavra “fascínio”. A vítima se encontra em estado de estupro — siderada.

⁴ Ver Jessica Norwing, “Are Your Sexual Fantasies Normal” (“Suas Fantasias Sexuais são Normais?”), businessinsider.com.au, 1º de novembro de 2014 (www.businessinsider.com.au/which-sexual-fantasies-are-normal-2014-10).

Esforço de apresentação

Para além desses simbolismos um tantinho extremos (a fêmea cativa da visão do pênis não durará muito em 2018), o que dizem sobre isso as recipientes? Seu julgamento é cruel! Dentre os adjetivos consagrados aos *dick pics*, as mulheres citam, principalmente, os três seguintes, nesta ordem: asqueroso, estúpido e triste. Menos de 15% acham as fotos de pênis *sexys* ou agradáveis... contra 44% dos homens. Um mal-entendido perturbadoramente comum: absorvido em sua conversação erótica, um pretendente pouco experiente pode considerar sua revelação como uma marca de confiança, de vulnerabilidade. Sem ter consciência do assédio que sofrem as mulheres e, certamente, sem dar atenção à forma, tanto a excitação dispensa de estética e de qualidade (os vendedores de salsichas se esforçam muito mais para a apresentação e escolha das cores). Não somente as recipientes não têm sempre vontade de ver os pênis, mas quando veem, francamente, não é decorativo. Isso para ser educada.

Dentre os adjetivos consagrados aos *dick pics*, as mulheres citam, principalmente, os três seguintes, nesta ordem: asqueroso, estúpido e triste.

Como o desejo por pênis constitui, estatisticamente, uma realidade masculina, fixemos, ao menos, a forma: os candidatos devem pedir antes de enviar (sob pena de exibicionismo), se prestarão a um esforço de apresentação, ainda que mínimo... e devem se certificar das boas intenções da recipiente. Pois, para além do julgamento social e penal, a *dick pic* constitui uma oportunidade perfeita para o *revenge porn*⁵. Se não quiser acabar sendo ameaçado ou extorquido, lembre-se de nunca enviar a foto do pênis, mesmo solicitado, numa mesma imagem junto com seu rosto. Sob risco de transformar um grande momento de compartilhamento num grande momento de solidão.

⁵ N.T. Ato criminoso que consiste em constranger a vítima a fornecer algum tipo de compensação, em geral financeira, sob ameaça de divulgar suas fotos íntimas na internet.

Bolas são vida

E stá diante do nosso nariz: de tanto repetir que os homens têm uma sexualidade falocêntrica, os testículos se transformaram na quinta roda da carroça — no porta-malas, bem guardada, caso um pneu fure na autoestrada do prazer.

Por que tanta negligência? O medo de fazer malfeito, acima de tudo, isto é, o medo de fazer mal. Foi-nos bem explicado que não se golpeia alguém abaixo

Os testículos se transformaram na quinta roda da carroça — no porta-malas, bem guardadas, caso um pneu fure na autoestrada do prazer.

da cintura — lição bem aprendida... Mas talvez a ponto de deixar a zona desolada. Em seguida, contrariamente ao pênis, em que todo mundo está de acordo, a estimulação dos testículos só cria rivalidades (uma minipesquisa no Twitter revela o mesmo número de arquivados e de arquivados, tente, então, juntar as peças no meio dessa história). No mais, raramente se atinge o orgasmo por esse único meio — vale por isso sacrificar uma zona erógena sobre o altar da performance?

Mencionemos, enfim, um certo constrangimento, ou melhor, uma virilidade contrariada: o escroto é flácido, se encolhe, não é arrojado. Nossas representações fazem dele uma coisa mais cômica do que séria, mais repugnante do que excitante (eu o convido a consultar os “memes” na internet dedicados

ao tema: o *nutscaoping* que consiste em registrar em fotos suas avelãs diante de uma paisagem sublime, ou os *truck nuts*, esses falsos testículos destinados a serem amarrados na traseira de um veículo, mais frequentemente embaixo da placa de identificação). A *coucounette*¹ é vista como uma coisa divertida, sob o risco de dessexualizar uma zona altamente erógena. Quem nunca falou em dar um tiro no pé quando se coloca o pé em cima das bolas?

O círculo vicioso se fecha: de tanto desconsiderarmos essa zona, recusamo-nos a conhecê-la e, se não a conhecemos, não corremos o risco de fazer milagres.

Calções especiais que bloqueiam as ondas de Wi-Fi

Milagres à parte, há, entretanto, algo a se fazer: exceto para uma minoria de coceguentos, a estimulação dos testículos dá prazer. Ela permite controlar parcialmente a ejaculação, e dá uma ideia do moral das tropas: os testículos têm a tendência de se inchar durante a fase de excitação e de se contraírem logo antes da ejaculação.

Antes de passar aos trabalhos práticos, um ponto acerca dos cuidados: os últimos anos têm visto o marketing testicular explodir na corrida dos milagres do nosso Glorioso Mercado Capitalista (*cof-cof*). Encontraremos, assim, lenços refrescantes, loções e outros sabonetes desodorantes, mas também calções especiais que bloqueiam as ondas de Wi-Fi, ou deixam respirar as partes íntimas (sim, em 2018, os testículos respiram, é assim).

Na realidade, seu gel de banho habitual é o suficiente. Só fuja dos *slips* e das calças apertadas demais, bem como do calor excessivo (mas, sem dúvida, lembra-se de suas aulas de biologia). Sobrevive-se igualmente bem sem injetar, no escroto, gordura, água salgada, Botox ou ar (pois, sim, essas coisas acontecem).

Determinados os limites de segurança, como dar prazer ao seu parceiro? Bem, comece por perguntar se ele faz parte dos alérgicos, novatos, desconfiados ou entusiastas. Os testículos não são todos criados iguais: se o sulco central conduz à dança, alguns homens preferem serem tocados logo abaixo do pênis, outros, ao contrário, serão mais receptivos à estimulação atrás das

¹ N.T. Doce que consiste em uma amêndoa revestida em chocolate preto, e rolada numa mistura de amêndoas trituradas, cana de açúcar, conhaque de gengibre e Armagnac, e depois mergulhada em suco de framboesa. Aqui usado em referência aos testículos.

bolas. Privilegie o contato com o “saco” mais do que com seu conteúdo: é frágil, ou melhor, perigoso. E, em todos os casos, exceto por masoquismo consumado de seu parceiro, nada de torção.

Retardar uma ejaculação

Sempre comece por uma estimulação de baixa intensidade, sobretudo com um iniciante que conhece mal seus limites — porém deixando abertas as possibilidades, pois, no que tange à resistência do parceiro masculino, poderá ter

Lembremos aos cétricos de que certos homens gostam de felações com os dentes, assim como certas mulheres adoram que lhes suguem o clitoris a golpes de aspirador.

surpresas. Alguns homens suportam, com efeito, pressões muito intensas (estes encontrarão, na seção *ballbusting* de seu antro pornográfico preferido, uma grande quantidade de vídeos de homens sendo golpeados abaixo da cintura, para seu grande prazer... ó, está agora a ponto de desmaiar? Se, sim, dou-lhe um croissant). Lembremos aos cétricos que certos homens gostam de felações com os dentes, assim como certas mulheres adoram que lhes suguem o clitoris a golpes de aspirador. O que queria? Não existem estações no mundo do sexo.

A maneira mais infalível de ter sucesso em sua empreitada consiste em tocar os testículos ao mesmo tempo que o pênis: durante um boquete, certamente, mas também durante a penetração. As pessoas com três braços podem aproveitar para acrescentar uma estimulação anal (enquanto esperamos por um transplante ou uma orgia com um polvo, uma boa sincronização boca/mão direita/mão esquerda também funciona).

Mas, pode, ao contrário, se preocupar unicamente com os testículos, sobretudo se sentir que seu parceiro está perto do orgasmo: ao mesmo tempo em que damos ao pênis tempo para se recuperar de suas fortes emoções, as carícias no escroto deixam intacta a excitação. Diga-se de passagem, se quiser retardar a ejaculação (lembrete: no momento fatídico, os testículos se elevam), pode empurrar o escroto para baixo (com a ternura que lhe é peculiar).

Sensações mais intensas

Dentre as demais opções disponíveis, eu recomendaria tentar, segundo seu gosto pessoal, a adição de lubrificante, o famoso *tea-bagging*, que consiste em

Nossos corpos

“engolir” os testículos (um de cada vez é o suficiente, se tiver uma boca pequena), as carícias seguindo o sulco, com a língua ou com os dedos (alguns homens gostam que se enfiem as unhas). Pode apertar, puxar de leve o escroto ou a pele do escroto, ou massagear todo o pênis, começando pelos testículos (as mãos subindo da parte de baixo das bolas até a glândula).

Enfim, ninguém poderia evocar os prazeres testiculares sem apresentar o *cockring*, esse famoso anel peniano que, ao contrário do que seu nome indica, pode-se colocar ao redor dos testículos tanto quanto do pênis (o anel passa, portanto, sob o escroto e engloba igualmente a haste em sua base). O *cockring* serve para controlar o refluxo sanguíneo e, assim, aumentar a rigidez da ereção, ao mesmo tempo em que retarda a ejaculação, tendo em vista sensações mais intensas.

Os iniciantes terão o cuidado de escolher um modelo ajustável, vibratório ou não, em silicone, borracha ou couro... mas evitarão, de todo, o metal, que pode ficar preso (mais um croissant?). No primeiro uso, ainda que isso possa parecer contraproducente, espere até que esteja ao menos semirrígido: não vá arriscar o estrangulamento com uma ferramenta pequena demais. O resto do tempo, coloque o *cockring* para descansar e, sobretudo, retire-o antes de dormir o sono dos justos: uma gangrena não tarda a chegar (se este artigo lhe provocou uma overdose de croissants, poderá oficialmente passar aos pãezinhos de chocolate).

Enfim, se fizer parte dos reticentes, nervosos ou tímidos, não sacralize excessivamente essa zona. Com um pouco de bom senso, não há razão para falhar em sua tentativa... a não ser, como é evidente, se não tentar.

**Não há razão alguma
para que falhe em sua
tentativa... a não ser,
evidente, se não tentar.**
